

Participação dos idosos: percursos construídos por finalistas da licenciatura em animação sociocultural

Ana Gama

Departamento de Ciências Humanas e Sociais, Escola Superior de Educação,
Instituto Politécnico de Lisboa
Centro Interdisciplinar de Estudos Educacionais, ESE de Lisboa, Portugal

Ana Teodoro

Departamento de Educação em Matemática, Ciências e Tecnologia,
Escola Superior de Educação, Instituto Politécnico de Lisboa
Centro Interdisciplinar de Estudos Educacionais, ESE de Lisboa, Portugal

Ana Simões

Departamento de Ciências Humanas e Sociais, Escola Superior de Educação,
Instituto Politécnico de Lisboa
Centro Interdisciplinar de Estudos Educacionais, ESE de Lisboa, Portugal

Resumo

A Animação Sociocultural com a população idosa deve corresponder a uma intervenção socioeducativa centrada em três dimensões: a intelectual, a biológica e a psicológica. É desejável que estas dimensões sejam trabalhadas em articulação umas com as outras, já que são importantes no bem-estar integral de qualquer pessoa. É perante esta conceção de intervenção que o animador sociocultural deverá assumir um papel importante no trabalho com a população idosa, a partir de uma perspetiva de envelhecimento ativo. Neste sentido, é necessário que consiga fomentar e dinamizar atividades de animação que promovam a participação dos idosos e os transformem em protagonistas do seu próprio desenvolvimento. O presente trabalho tem como objetivo apresentar e discutir as estratégias de participação desenvolvidas em estágios curriculares com idosos pelos estudantes de 3.º ano da Licenciatura em Animação Sociocultural. Privilegia-se a metodologia qualitativa, tendo sido realizada uma análise documental aos relatórios finais de estágio e entrevistas semiestruturadas. A análise realizada revela a utilização de diferentes estratégias de promoção da participação, nomeadamente: as que foram desenvolvidas nas atividades em que os idosos eram o público-alvo; e aquelas que visaram a participação dos idosos como recursos humanos em atividades dinamizadas com crianças.

Introdução

O envelhecimento da população tem vindo a aumentar nos países ditos desenvolvidos da Europa e do mundo, e Portugal não é exceção. A esperança média de vida neste país em 1960 era de 61 anos para os homens e 67 anos para as mulheres, ao passo que em 2005 atingia 75 e 81 respetivamente (Fundação Francisco Manuel dos Santos, 2012). Perante este aumento significativo da esperança média de vida, “a sociedade civil e os Estados têm-se vindo a organizar e a criar condições para acolher um número crescente de idosos” (Jacob, 2013) através de respostas sociais institucionalizadas como os lares, os centros de dia e de convívio, os serviços de apoio domiciliário, as universidades seniores, entre outras.

É neste contexto que diversas áreas científicas centradas no idoso, nomeadamente Geriatria e Gerontologia, têm ganho relevância. A mesma preocupação se observa na reflexão teórica e na atuação ao nível da Animação Sociocultural (ASC).

Segundo alguns autores (Lopes, 2008; Osorio, 2004), a ASC com a população idosa deve corresponder a uma intervenção socioeducativa centrada em três dimensões: a intelectual, a biológica e a psicológica. Para que exista o bem-estar integral das pessoas, é necessário que estas dimensões sejam trabalhadas em articulação umas com as outras. Nesta conceção de intervenção, o animador sociocultural deverá assumir um papel importante no trabalho com a população idosa, a partir de uma perspetiva de envelhecimento ativo.

Num estudo anterior, constatou-se que a principal ideia veiculada pelos estudantes nos objetivos dos projetos que realizaram com os idosos foi a promoção das relações interpessoais. Todavia, também as ideias sobre a promoção do envelhecimento ativo e a valorização dos conhecimentos e experiências dos idosos, em alguns casos, assumiram um papel importante (Teodoro, Simões & Gama, 2013). Dando continuidade ao trabalho referido, a presente investigação tem como objetivo apresentar e discutir as estratégias de participação criadas por estudantes da Licenciatura em Animação Sociocultural (LASC) de uma escola superior de educação pública portuguesa que frequentaram, no ano letivo 2013/14, a unidade curricular Projeto Interdisciplinar de Intervenção Profissional III (PIIP III) e desenvolveram os seus estágios curriculares com idosos.

Este artigo está estruturado em 6 secções. Na primeira, faz-se uma breve contextualização do papel da Animação Sociocultural na intervenção com idosos e procura-se evidenciar a importância de esta ação se sustentar na perspetiva do envelhecimento ativo. Na segunda secção, com base neste pressuposto, discute-se o papel do animador sociocultural na promoção da participação dos idosos. Em seguida, define-se o quadro conceptual subjacente à análise da participação do idoso. A metodologia é descrita na secção quatro onde se explicita a amostra e os instrumentos usados para a recolha e análise dos dados. Na secção cinco, apresentam-se e discutem-se os dados que resultaram do trabalho empírico realizado. Por

fim, identificam-se algumas pistas conclusivas do estudo realizado, apontando desafios futuros.

I. Envelhecimento ativo

Para Teodoro e Zérillo (2012), “o cidadão sénior não beneficia de um olhar social favorável. De facto, o envelhecimento não “está na moda” nas nossas sociedades em que é valorizado permanecer jovem, dinâmico e produtivo” (p.102).

O aumento da esperança de vida é em simultâneo um indicador de progresso, em consequência dos avanços da medicina e da melhoria geral das condições de vida, e uma ameaça que paira sobre a organização socioeconómica dos países desenvolvidos, tornando o idoso responsável por múltiplas perturbações da sociedade moderna. Para alguns autores, este ponto de vista tem como efeito culpar as pessoas por envelhecer (Trincaz & Puijalon, 2010), e tende a subestimar as diferenças perante os recursos pessoais (físicos, psicológicos, etc.) que os sujeitos possuem e que implica tantas formas de envelhecer quantos os sujeitos.

Contextualizemos, de forma breve, o significado de alguns conceitos associados ao envelhecimento que têm motivado a reflexão por instâncias nacionais e internacionais, nomeadamente a Organização Mundial de Saúde (OMS). O envelhecimento normal processa-se ao longo da vida, não equivale a um marco cronológico estabelecido e corresponde às alterações biológicas universais que ocorrem com a idade e não são afetadas pela doença e pelas influências ambientais (OMS, 2001). O envelhecimento saudável, cuja promoção se constitui como desafio individual e coletivo, é o que decorre com “saúde, autonomia e independência durante o período mais extenso possível” (Sequeira, 2010: 3). O envelhecimento ativo, que depende substancialmente do estado de saúde do idoso (Ministério da Saúde, 2004), é um processo de optimização das oportunidades para a saúde, participação e segurança, para melhorar a qualidade de vida das pessoas que envelhecem (OMS, 2002).

Em todo o caso, envelhecer envolve mudanças físicas, psicológicas (cognitivas e afetivas) e sociais que podem, nalguns casos, originar perdas. No entanto, têm sido apresentadas evidências de que os respetivos efeitos não são vividos como significativos pelo sujeito enquanto não puserem em causa o seu estilo de vida (e.g.: Sebag-Lanoë, 2001). Por outro lado, a permanência do funcionamento psíquico (Lahaye, 2010) leva a que a pessoa idosa se veja em continuidade: não há separação entre o que era antes - mais jovem - e o que é agora - mais velha. Esta perceção contrasta com a representação geral que a sociedade faz do indivíduo idoso.

O lugar que ocupamos na sociedade está associado aos papéis sociais: “os papéis que temos, que nos são dados ou que agarramos, em face da família e da sociedade” (Hervy, 2001:22). Os papéis sociais evoluem ao longo da vida e podem ser papéis principais e papéis secundários. Estas alterações são em geral preparadas e ocorrem de forma gradual, de modo que a pessoa normalmente se adapta a elas (Teodoro &

Zérrillo, 2012:104-105). Em síntese, pode afirmar-se que a percepção sobre os papéis de cada indivíduo, sobre os seus recursos pessoais, sobre o processo de envelhecimento condiciona o modo como o idoso se vê em sociedade e perspectiva a sua participação, bem como o modo pelo qual a sociedade vê e perspectiva a participação do idoso.

2. O animador sociocultural na promoção da participação dos idosos

No que se refere à ASC com o público idoso, Lopes (2008) afirma que se tem assistido a um aumento significativo na criação de instituições, associações e organizações não governamentais dedicadas a promover e a valorizar a intervenção com os idosos, pelo que a gerontologia educativa começa a adquirir uma importância particular na prevenção e compensação das situações relacionadas com o envelhecimento da população. É nesta perspectiva que a ASC tem lugar, enquanto promotora do tempo livre do idoso, um tempo de valorização pessoal, de promoção de autoestima e de bem-estar. Lopes (2008) dá ênfase a quatro ramos especializados da ASC com a população idosa: a animação estimulativa; a animação ao domicílio; a animação sociocultural na instituição (lares e centros de dia) e a terceira idade na Animação Sociocultural. Este último ramo pode traduzir-se através de diversas ações dos idosos junto de outras faixas etárias como, por exemplo, “animadores voluntários junto de escolas do Ensino Básico, promovendo junto das crianças aprendizagens ligadas à vivência” (Lopes, 2008:337).

Por seu lado, Osorio (2008) defende que a ASC com os idosos deve corresponder a uma intervenção socioeducativa, com várias características e que se pode centrar em quatro dimensões: a “dimensão intelectual”, favorecedora da prática do exercício mental, das atividades cognitivas, da criatividade e autonomia pessoal; a “dimensão biológica”, pela manutenção da saúde física nos seus diferentes âmbitos e a “dimensão ao nível psicológico”, que permite elevar os níveis de autoconceito, de autoestima e de bem-estar. No entanto, é na dimensão social que Osorio afirma ser mais pertinente investir, porque considera que a participação na vida comunitária é importante em todas as idades; no entanto, é na fase da reforma (atingida em geral na faixa etária da população idosa) que esta participação comunitária precisa de ser continuada e reforçada, porque permite o alargamento das redes sociais, do espírito associativista e voluntário.

Compete, portanto, ao animador sociocultural, em conjunto com uma equipa pluri e multidisciplinar, intervir, fomentando e dinamizando atividades de animação que satisfaçam as necessidades e os interesses dos idosos e das comunidades nas quais estes estão integrados. Neste sentido, querer trabalhar com o público idoso exige desde logo ao animador o reconhecimento do ser humano antes do qualificativo “idoso”, i.e., considerar cada pessoa como tendo expectativas, desejos que devem ser reclamados, exercidos e escutados. Exige também um afastamento face aos estereótipos veiculados pela sociedade e, em particular, o que se traduz por pensar que o idoso

não está interessado em aprendizagens novas e que está concentrado em exclusivo nas suas vivências anteriores (Teodoro & Zérillo, 2012:106).

Nas instituições geriátricas, onde a espera pode ser importante para os menores atos do quotidiano (Dreuil, 2010) e o tédio paira como uma ameaça permanente, o papel do animador torna-se essencial. A animação, também nestes contextos, não consiste em mexer os fios de uma marioneta para dar uma ilusão de vida (Huot & Robert, 2001), pois seriam assim as intenções do profissional que se iriam exprimir, mas consiste em criar condições favoráveis para que a vontade de viver se exprima e para que a pessoa idosa realize um envelhecimento ativo, que implica a participação.

Outros contextos de atuação dos animadores socioculturais derivam naturalmente da ligação, que tem sido defendida por vários autores, entre os objetivos da intervenção em ASC e os processos educativos. A título exemplificativo, podemos referir Bernet (1988), Lopes (2008), Sousa (2011) e Teodoro & Zérillo (2012) no que respeita a espaços não formais e Teodoro, Simões & Gama (2013) no que concerne a espaços informais.

Uma das ideias basilares da ASC é que as pessoas e os coletivos se transformem em agentes do seu próprio desenvolvimento. Para que todos sejam agentes ativos neste processo é necessário que na sua intervenção o animador sociocultural consiga “gerar processos de participação, criando espaços para a comunicação dos grupos e das pessoas, tendo em vista estimular os diferentes colectivos a empreenderem processos de desenvolvimento social (...) e cultural” (Osorio, 2004: 255).

Por todas estas razões, o animador sociocultural assume um papel importante na promoção da efetiva participação dos idosos, não só nas atividades em si mesmas, mas também em todo o processo de conceção de projetos, incluindo os que visem a respetiva participação em dinâmicas de desenvolvimento pessoal e comunitário.

3. Participação do idoso: o quadro de análise

Tem-se estado a usar o conceito de participar, mas torna-se pertinente apresentar uma definição possível deste conceito e criar um quadro de análise que permita estudar as questões de participação nos relatórios analisados e nas entrevistas realizadas a duas estudantes finalistas da LASC (cf. secção 4 - Metodologia). Com efeito, a palavra participação deriva da palavra latina *participare* que significa “*fazer saber*”. Atualmente, é um conceito com uma multiplicidade de definições; no entanto, existem convergências na afirmação da participação como um processo crucial do sistema democrático.

Partimos da perspetiva de participação apontada por Trilla e Novella (2001:141) que pode significar “acto de presencia, tomar decisiones, estar informado de algo, opinar, gestionar o ejecutar; desde estar simplemente apuntado a, o ser miembro de, a implicarse en algo en corpo y alma”. Esta perspetiva permite-nos identificar muitas formas, tipos, graus, níveis, âmbitos de participação. Adotamos aqui a tipologia

avançada por estes autores que criaram quatro tipos de participação, a partir de uma tipologia com mais níveis criada por Hart (1997, cit. em Trilla & Novella, 2001). As classes definidas por Trilla & Novella são mais amplas do que as usadas por Hart, que se distribuem numa escada que implica um aumento qualitativo da participação.

Assim, a conceptualização de Trilla e Novella (2001: 145) inclui: **participação simples, participação consultiva, participação projetiva e metaparticipação**. A participação simples acontece quando os sujeitos tomam parte num projeto ou atividade, como espectadores ou executantes, mas apenas seguindo indicações e respondendo a estímulos. A participação consultiva consiste na escuta das palavras do sujeito, no entanto a definição da atividade é da responsabilidade de outrém. A participação projetiva é quando o sujeito se converte em agente, sentindo como próprio o projeto em que se envolve; a metaparticipação verifica-se quando os sujeitos pedem, exigem ou geram novos espaços e mecanismos de participação (Trilla & Novella, 2001: 145-151). As quatro classes não são mutuamente exclusivas, podendo ocorrer em simultâneo ou alternadamente; nenhum dos tipos definido é considerado negativo ou desadequado. Os autores referem ainda que embora a conceptualização proposta coloque a ênfase na participação infantil, em linhas gerais, é aplicável a outros sectores da população.

Consideramos a tipologia de Trilla e Novella (2001) bastante adequada à avaliação das intervenções com o público idoso, justificando-se talvez a inclusão de um outro tipo: a não participação (que pode incluir a não participação observante e a não participação antagonista). Neste tipo, embora o indivíduo esteja no mesmo local e momento em que se desenrola a atividade não é executante, nem tampouco espectador, não quer ou não pode envolver-se na atividade, ou eventualmente antagoniza o desenrolar da atividade. Se este tipo pode ser encontrado com outras faixas etárias, como as crianças, pode por mais razões ser encontrado na intervenção com o público idoso dependente ou com as pessoas portadoras de deficiência cognitiva ou psicológica.

4. Metodologia

No 3.º ano da LASC os estudantes realizam uma unidade curricular que inclui o estágio: PIIP III. Esta unidade curricular exige a construção e discussão de um projeto de animação num momento anterior ao da sua realização no contexto do estágio e implica ainda a elaboração de um relatório final, bem como a respetiva apresentação oral. O universo do presente estudo corresponde ao conjunto de estudantes que realizaram o PIIP III no decurso do ano letivo de 2013/14 (45 estudantes).

Para este estudo, definiu-se uma amostra de conveniência a partir dos seguintes critérios: 1) estudantes que realizaram intervenção com a população idosa (15 dos 45); 2) trabalhos apresentados que incorporavam alguma forma de participação dos idosos (10 dos 15).

Para a amostra de 10 estudantes selecionados (denominados I1 a I10) fez-se uma análise preliminar do conteúdo dos discursos produzidos em determinadas secções do relatório de estágio. Consideraram-se apenas as secções em que os estudantes de-

finem o quadro teórico subjacente e em que explicitam os objetivos e estratégias das atividades que compõem o projeto de animação.

Realizou-se ainda uma entrevista semiestruturada a duas estudantes que estagiaram em contextos distintos entre si, tendo desenvolvido atividades intergeracionais com crianças: E1 = I7, estágio numa academia sénior; e E2 = I9, estágio num serviço de apoio domiciliário. O critério para seleção destas estudantes foi terem mobilizado os idosos como recursos humanos para a realização de algumas atividades do respetivo projeto. A entrevista teve como objectivo clarificar a perceção que possuem sobre os idosos, sobre a participação destes e as estratégias promotoras de participação que empregaram. Das respostas transcritas, fez-se também uma análise preliminar de conteúdo.

5. Participação dos idosos e estratégias promotoras de participação

Procedeu-se à análise dos relatórios e entrevistas considerando quatro eixos orientadores: i) fundamentação teórica; ii) estratégias que visam a participação dos idosos enquanto público-alvo; iii) estratégias que visam a participação dos idosos como recursos humanos para atividades dirigidas a outros públicos, e iv) outras estratégias de promoção de participação.

Quanto à fundamentação do discurso relativamente à participação e implicação da ASC na participação (eixo de análise i), de entre os 10 estudantes analisados há vários (**I1**, **I2**, **I6**, **I7**) que fundamentam a sua atuação no estágio em documentos normativos, por exemplo da ONU, ou na literatura sobre a ASC nos quais se atribui importância à participação dos idosos e ao papel que a ASC deve ter no fomento dessa participação. São mobilizadas ideias como: a ASC deve trabalhar para uma cidadania ativa em que a população local é autora e interveniente do projeto (**I1:29**); a ASC visa que os idosos preservem a sua capacidade de interação, acedam à participação na vida comunitária e à possibilidade de realização pessoal (**I2:1**); o animador deve respeitar a adesão livre e espontânea para que todos possam participar no processo como sujeitos que detêm o direito de optar, de construir coletivamente os projetos e ações desenvolvidas (**I4:39**); a Animação na Terceira Idade: é uma modalidade de intervenção socioeducativa cuja finalidade é aumentar a qualidade de vida das pessoas mediante a sua implicação ativa, participativa e grupal na realização de projetos e atividades do seu interesse (**I6:36**); a animação deve unir as pessoas em torno dos projetos promotores de diálogos intergeracionais, mediante os quais os jovens possam aprender com os idosos, os idosos com os jovens e as crianças aprendam, de uma forma viva, o sentido da vida em comunidade (**I7:21** citando Lopes, 2008: 377); a ASC tem a preocupação de proporcionar oportunidades aos idosos de continuarem a ter projetos e objetivos de vida (**I10:1**); a intervenção tem como objetivo, alcançar o estado mais elevado possível de autonomia (**I5:41**); uma das funções chave da ASC é gerar processos de participação, criando espaços para a comunicação dos grupos (**I8:1**

citando Osorio, 2004: 255).

Ainda no eixo de análise i, no que concerne à fundamentação do discurso relativamente ao envelhecimento ativo e sua relação com a ASC: **I1** considera que “são os idosos os protagonistas das ações na criação do projeto e que vão procurar ideias, soluções, recursos e capacidades para dar respostas às necessidades locais” (p.7); **I2** identifica-se com Trilla (2004: 26) defendendo que o animador sociocultural deve promover junto do idoso “uma atitude de participação ativa no processo do seu próprio desenvolvimento quer social quer cultural” (p.28); **I3** afirma que, ao longo da sua intervenção, tentou “que os idosos se valorizassem mais, como recordar algumas atividades que faziam anteriormente e que também ainda têm a capacidade de ensinar” (p.23); para **I6**, em concordância com Jacob (2013), a animação de idosos é um estímulo permanente da vida mental, física e afetiva da pessoa idosa (p.6); **I9** considera que “é essencial preparar o envelhecimento, promover novos interesses e novas atividades, estimular e treinar a vitalidade física e mental e ocupar, utilmente, os extensos tempos livres” (p.54); e **I8** pretende “ajudar os idosos a tomarem consciência da importância da sua participação valiosa para a sociedade em que vivem” (p.3).

No que se refere aos eixos de análise ii, iii e iv, sintetizam-se no Quadro 1 algumas das estratégias promotoras de participação dos idosos que os estudantes identificam nos seus relatórios ou durante as entrevistas.

Pode verificar-se que, de entre os 10 casos em análise, 8 estudantes identificaram estratégias de promoção da participação. Retomando os tipos de participação conceptualizados por Trilla & Novella (2001), vemos que as estratégias S1, S4 e S5 se enquadram na promoção da **participação simples**. As estratégias S6, S7 e S8 já se associam mais à **participação consultiva**, conquanto os exemplos apresentados para S7 e S8 permitam identificar ambas as dimensões: participação simples e consultiva. As estratégias S1 a S8 têm em comum considerarem os idosos como público-alvo.

Quadro 1 Exemplos de estratégias promotoras de participação dos idosos referidas nos relatórios e entrevistas

Estratégia	Estudantes	Exemplos	Vertente de ASC/intervenção do animador sociocultural
S1: Explicar o objetivo da atividade e da participação	I9	“Todas as vezes convidei sempre as senhoras com tempo e expliquei-lhes qual era o intuito da visita delas à escola” (I9-E2)	

S2: Conhecer cada pessoa	12, 19	<p>“Temos o dever de conhecer cada pessoa para depois conseguir motivar a participar em qualquer que seja a atividade” (12:35)</p> <p>“É importante que se note esta individualidade, pois o trabalho que se desenvolve com uma pessoa não é igual ao que se desenvolve com outra.” (19:45)</p>	Trabalho individualizado (requer diagnóstico e sensibilidade)
S3: Estabelecer um contacto periódico	19	<p>“O trabalho com esta utente prender-se-á num contacto periódico, no sentido de estabelecer com esta uma relação de confiança, criando um hábito à minha presença, de forma a que possam vir a ser desenvolvidas atividades (...) distraíndo-a das suas limitações e capacitando-a das suas potencialidades” (19:26)</p>	ASC em contexto domiciliário
S4: Escolher atividades que despertem o interesse	19, 13	<p>“Levar-lhe atividades que despertassem o seu interesse. (...) e tinham que ser atividades que não lhe causassem frustração (...) e que ela sentisse que era capaz” (19-E2); “Esta atividade surge devido a ser um gosto pessoal da utente e na medida em que o facto de ser a própria a ensinar-me [croché] torna a atividade mais rica (...) [No fim ela mostrou] a sua felicidade e o seu sentimento de valorização” (13:19)</p>	
S5: Ouvir o público durante as atividades	110, 15	<p>“Será pedido aos utentes que participem tanto na leitura como nas respostas às adivinhas, rimas e anedotas. A ideia será obter a participação livre de todos os utentes” (110:17)</p>	

Quadro 1 Exemplos de estratégias promotoras de participação dos idosos referidas nos relatórios e entrevistas (cont.)

Estratégia	Estudantes	Exemplos	Vertente de ASC/intervenção do animador sociocultural
S6: Ouvir o público na definição das atividades	11, 12, 19, 17	“O estilo de animador mais adequado é o democrático, pois o projeto é elaborado para e com o público-alvo” (11:32); “As atividades foram todas realizadas para o público e muitas foram sugeridas por eles” (12:30); “As atividades também foram sendo construídas um pouco com elas” (19-E2)	Animador democrático
S7: Promover a expressão de opiniões	12	“É projetado um filme escolhido pelos residentes e de seguida é feito um comentário (...) a discussão após o filme que era um dos momentos principais da sessão foi aumentado (...) continuando muitas vezes após o fim da sessão noutros espaços” (12:12-13)	
S8: Realizar atividades intergeracionais	19	“Eles perguntavam-me a idade das senhoras e eu já não sabia, mas o resto da turma respondia” (19-E2); “ [Gravações com as idosas e com as crianças] para as crianças conhecerem as idosas do domicílio e para as idosas conhecerem as crianças, porque no fundo as idosas escreveram uma carta às crianças para comunicar com elas de algum modo, para se darem a conhecer um bocadinho, para dizerem o seu nome, a sua idade, aliás, elas também disseram um bocadinho aquilo que queriam” (19-E2)	Integração social do idoso

S9: Usar os idosos como recursos humanos para atividades com outros públicos	I7, I9, I6, I2, I5	"Os idosos ensinaram aos jovens técnicas que aprenderam ao longo das aulas" (I7: 15); "Elaboração de uma carta das utentes do SAD para os alunos; Confeção de um salame de chocolate por uma utente do apoio domiciliário e uma do lar para os alunos (...) visitas realizadas à escola acompanhadas por idosas do lar" (I9:12); "senhora ia (...) ler um livro aos alunos" (I9-E2); "os utentes participaram na construção e adaptação dos jogos e posteriormente os jogos foram testados com os mesmos" (I6:13); "participação de 8 seniores do Centro de dia na preparação e elaboração dos cartões que serviram para uma dinâmica. (...) [em que] houve a participação de 47 seniores" (I5:23)	Valorização dos papéis do idoso
--	--------------------	--	---------------------------------

Notas: I4 e I8 não identificam estratégias promotoras de participação. A designação das estratégias por S1-S9 não implica considerar que há um progresso ou valor maior para um número mais elevado; visa apenas facilitar a discussão.

As estratégias S2 e S3 podem ser entendidas como subjacentes a qualquer outra estratégia, visam combater a não participação, mas também adquirir conhecimento para uma ulterior promoção de participação.

Por outro lado, o exemplo referido por I9, para S3, evidencia o respeito pela vontade da pessoa idosa, portanto a escuta efetiva dos seus desejos, ou seja, dos canais de comunicação privilegiados por esta pessoa.

Todavia, 5 estudantes utilizaram, também, estratégias de promoção da participação dos idosos como recursos humanos em atividades dinamizadas para outras pessoas. O exemplo apresentado por I3 (em S4), revela **participação projetiva** da idosa com a finalidade de ensinar a animadora; os exemplos referidos por I6 e I5 (em S9) e I2 (semelhante a I6) consideram que os idosos foram usados como recursos humanos para outras atividades a realizar com idosos, embora se possa talvez considerar que ainda se trata de **participação simples**. Já os exemplos encontrados em I7 e I9 denotam muito mais a dimensão de **participação projetiva**, com as idosas a envolverem-se ativamente e a proporem algumas das atividades que realizaram com as crianças.

Analisa-se, de seguida, as *vozes* das duas estudantes entrevistadas. Quando questionada sobre o entendimento que tem acerca da intervenção de um animador com a população idosa, I7 respondeu: "o animador é muito o dinamizar (...). A ASC é muito importante para os idosos não estarem sós, para aprenderem coisas novas" (E1). I9 considera que o "grande objetivo é retardar as perdas dos idosos. (...) Trabalhamos

muito isso (as perdas/demências dos idosos), quer ao nível físico, quer ao nível mental. (...) E o facto de saírem, de verem outras pessoas, de fazerem coisas diferentes, faz com que os problemas que têm (...) não evoluam tão rapidamente” (E2).

No que diz respeito à sua perceção sobre a participação dos idosos (participação como público-alvo e como recursos humanos) no âmbito dos projetos de intervenção desenvolvidos, **I7** considera que no âmbito do projeto intergeracional que desenvolveu na Academia Sénior valorizou as habilidades manuais dos idosos: “Pegámos mais nas práticas: nas artes criativas, no desenho a pastel, nas expressões – eles próprios a ensinarem às crianças várias técnicas que foram aprendendo ao longo das aulas. (...) Os idosos eram o meu público porque nós, em conjunto, escolhemos a atividade melhor para eles ensinarem às crianças. (...) Foi eles estarem no papel de alunos, a aprender; naquele dia, eles eram professores, a ensinar aos alunos (crianças)” (E1). Já **I9**, no âmbito do projeto intergeracional que desenvolveu com os idosos do serviço de apoio domiciliário, do Lar e com crianças de uma escola do ICEB (alunos do 3.º ano), afirma: “apesar de a maioria [das atividades que nós fazemos] parecer apenas lúdica e de ser apenas para entreter, existe sempre um objetivo por detrás (...) faz com que as pessoas estejam mais despertas e tenham ali as suas capacidades mais ativas e sejam estimuladas, o que faz com que as perdas vão sendo mais devagarinho” (E2). E acrescenta: “Foram introduzidas estas senhoras do Lar para que pudesse haver um contacto físico, que se vissem...porque, muitas vezes, (...) as crianças também têm uma ideia errada, criam um estereótipo à volta do que se ouve na nossa sociedade” (E2). A propósito da participação dos idosos como recursos humanos, **I9** explica: “numa primeira visita foi apenas uma senhora e essa senhora ia com o objetivo de ler um livro aos alunos e a preparação foi fazer essa explicação à senhora, dar-lhe o livro previamente para ela ler e explicar-lhe o que ia acontecer” (E2).

Procurou-se conhecer e compreender que constrangimentos sentiram as estudantes entrevistadas na implementação dos seus projetos de intervenção. **I7** indicou os seguintes: “a falta de disponibilidade e não ter conseguido mais tempo de aulas”; para além disso, “muitos deles viam-me como uma *miúda!*” (E1). Por seu lado, **I9** elencou outros constrangimentos: “Aqui - na instituição - só agora é que está ser criado o meu espaço” (constrangimento institucional); “nós temos muitos idosos e a maioria não dança” - constrangimento ao nível dos idosos como público-alvo; “pensei que fosse possível levá-las até à escola e pensei que iria ter um maior grupo de idosos. Se não fossem estas senhoras poderiam ir outras e entretanto deparei-me com esta impossibilidade” - constrangimento ao nível dos idosos como recursos humanos (E2).

Ao se retomar as classes de participação de Trilla e Novella (2001), verifica-se que as estudantes entrevistadas (**I7** e **I9**) promoveram, de vários modos, as participações **simples, consultiva e projetiva** do público com que intervieram: os idosos tomaram parte no projeto como espectadores e executantes; noutras situações, os idosos foram escutados mas a definição da atividade foi da responsabilidade das estagiárias. No

caso de **I9**, o sujeito idoso converteu-se em agente, sentindo como próprio o projeto em que se envolveu - **participação projetiva**.

6. Comentários finais e questões emergentes

O presente trabalho permite sustentar o interesse e a generalização ao público idoso da taxonomia de níveis de participação de Trilla e Novella (2001).

A participação dos idosos numa dimensão mais elevada de participação está muito dependente de um conjunto de constrangimentos inerentes aos próprios idosos: limitações físicas, dificuldades cognitivas, alterações psicológicas e anímicas, sensações de incapacidade ou inutilidade. Estes fatores podem contribuir para uma redução da vontade de viver, uma redução da capacidade de sair das rotinas, uma ansiedade relativamente a qualquer atividade que desafia a sua, por vezes diminuta, zona de conforto.

Por tudo isto, embora conscientes de que a ASC tem como principal finalidade trabalhar na integração de todos os públicos na sociedade, o trabalho do animador sociocultural com o público idoso, sobretudo em situação de dependência, pode ser essencialmente o de dar aquele impulso para a concretização de qualquer atividade, que por vezes não encontra força para se iniciar por vontade própria do sujeito (Teodoro & Zérrillo, 2012:106). Nestas circunstâncias, “animar” retoma o sentido primevo de impulsionar o entusiasmo ao comunicar a sua vitalidade, de avivar, acender, produzir uma centelha de luz, e “participar” pode significar envolver-se de corpo e alma em qualquer atividade em que anteriormente não se envolvia. Para muitos idosos, a participação simples que analisámos atrás pode ser sinónimo de uma mudança profunda de atitude do indivíduo – o que afinal é um dos objetivos da animação sociocultural.

Referências bibliográficas

- Bernet, J. T., 1988, Animación sociocultural, educación y educación non formal, *Educar*, 13, 17-41.
- Dreuil, D., 2010, Le vécu d’attente en institution gérontologique, in Ancet, P. (dir), *Le corps vécu chez la personne âgée et la personne handicapée*, Paris, Dunod, pp. 63-79.
- Fundação Francisco Manuel dos Santos, 2012, Base de Dados Portugal Contemporâneo. [Base de dados PORDATA online], Rosa, Maria João Valente (coord.), Retirado de <http://www.pordata.pt/>
- Jacob, L., 2013, *Animação de idosos*, Almeirim, Mais leitura.
- Hervy, B., 2001, L’animation sociale auprès des personnes âgées, *Gérontologie et Société*, 96, 11-30.
- Huot, A. & Robert, F., 2001, Des pratiques à la démarche d’animation en institution pour personnes âgées: point de vue d’un psychologue clinicien et d’une animatrice socioculturelle, *Gérontologie et Société*, 96, 95-109.

- Lahaye, A., 2010, Le corps vieillissant et sa perception par les soignants, in Ancet P. (dir), *Le corps vécu chez la personne âgée et la personne handicapée*, Paris, Dunod, pp. 47-61.
- Lopes, M., 2008, *Animação Sociocultural em Portugal*, (2.^a ed.), Amarante, Intervenção.
- Ministério da Saúde, 2004, Programa nacional para a saúde das pessoas idosas. Lisboa, Ministério da Saúde.
- OMS, 2001, *Men, ageing and health. Achieving health across the Span*, Geneva, World Health Organization.
- OMS, 2002, *Active ageing, a policy framework. A contribution of the WHO to the second United Nations world assembly on ageing*, Madrid, World Health Organization.
- Osorio, A.R., 2004, Animação Sociocultural na Terceira Idade, in Trilla, J. (coord.) *Animação Sociocultural. Teorias, Programas e Âmbitos*, Lisboa, Instituto Piaget, pp. 251-263.
- Osorio, A.R., 2008, A Animação Sociocultural na Terceira Idade, in Pereira, J., Vieites, M. & Lopes, M. (coord.) *A Animação Sociocultural e os Desafios do Século XXI*, Amarante, Intervenção, pp.207-219.
- Sequeira, C., 2010, *Cuidar de idosos com dependência física e mental*, Lisboa, Lidel.
- Sebag-Lanoë, R., 2001, *Vivre, vieillir et le dire*, Paris, Desclée de Brouwer.
- Simões, A., 2012, A formação em Animação Sociocultural em Portugal e o seu contributo para a intervenção com a população sénior: uma análise, in Costa, C. (coord.) *Animação Sociocultural. Envelhecimento Ativo e Solidariedade entre Gerações*, Alcochete, Alfarroba, pp.51-73.
- Sousa, J. C., 2011, Formação em animação sociocultural: Contributos de projectos de investigação e intervenção em animação socioeducativa, *Nuances: Estudos sobre a Educação*, 19 (18), 52-67.
- Teodoro, A., Simões, A. & Gama, A., 2013, A intervenção dos futuros animadores socioculturais com o cidadão idoso: Contributos para uma reflexão, *Proceedings do I Colóquio Internacional de Ciências Sociais da Educação / III Encontro de Sociologia da Educação - O Não-Formal e o Informal em Educação: Centralidades e Periferias*, Braga, Portugal, 25-27 de Março de 2013, (no prelo)
- Teodoro, A. & Zérillo, F., 2012, A ciência: pilar sociocultural para uma cidadania informada do público sénior, in: Costa, C. (coord.) *Animação Sociocultural: Envelhecimento Ativo e Solidariedade entre Gerações*, Alcochete, Alfarroba, pp. 96-116.
- Trincas, J. & Puijalon B., 2010, Vieillir en terre hostile, in Carbonelle, S. (coord), *Penser les vieilles*, Paris, Editions Seli Arslan, pp. 21-36.
- Trilla, J. & Novella, A., 2001, Educación y participación social de la infancia, *Revista iberoamericana de Educación/Educação*, 26 (Mai-Ago), 137-164.
- Trilla, J. B. (2004) Conceito, Exame e Universo da Animação Sociocultural, in Trilla, J. (coord.) *Animação Sociocultural. Teorias, Programas e Âmbitos*, Lisboa, Instituto Piaget, pp. 19-44.